



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



RELAÇÃO DOS ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM OS SABERES DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcos Roberto So[i]

Resumo

O objetivo desta pesquisa é compreender como os alunos se relacionam com os saberes da Educação Física. Isto é, como este saber está sendo dinamizado pelos alunos, no sentido de como se *mobilizam*, dão *sentido* e *desejam* aprender. Entrevistamos doze alunos do 7º ano de Educação Física de uma escola estadual do município de Bauru-SP, tomando como procedimento metodológico uma abordagem qualitativa na qual fizemos uso de entrevista semi-estruturada. Os resultados esclarecem que o aluno tem vontade, gosto, desejo e motivação e se mobiliza nas aulas de Educação Física e que isso não tem recebido devida atenção à altura por parte dos professores, do sistema escolar, dos currículos de Educação Física. Conclui-se ser necessário aproveitar essas características dos alunos para desenvolver uma real apreciação e apropriação crítica dos elementos da cultura de movimento.

Palavras-chave: Alunos. Relação com saber. Educação Física.

Resumen

El objetivo desta pesquisa es comprender como los alumnos se relacionan con los saberes de la Educación Física. Esto é, como este saber está siendo dinamizado por los alumnos, no sentido de como se *movilizan*, atribuyen *sentido* y *desean* aprender. Entrevistamos doce alumnos del 7º año de Educación Física de una escuela estadual del municipio de Bauru-SP, tomando como procedimiento metodológico una abordaje cualitativa, por la cual usamos entrevista semi-estruturada. Los resultados esclarecen que el alumno hay gusto, deseo y motivación y se moviliza por la Educación Física y que eso no has recibido debida atención a altura por parte de los maestros, del sistema escolar, dos currículos de Educación Física. Es necesario aprovechar esas características de los alumnos para desarrollar una real apreciación e apropiación crítica de los elementos de la cultura de movimiento.

Palabras-clave: Alumnos. Relación con saber. Educación Física.

Introdução

Em contraposição ao ensino da Educação Física tradicional, tecnicista e esportivista, diversas proposições teórico-metodológicas inovadoras, de pretensões críticas, transformadoras e emancipatórias foram apresentadas no Brasil desde meados da década de 1980. Particularmente as concepções e métodos ligados ao ensino do esporte na escola foram alvos de duras críticas, tendo sido apresentadas na literatura algumas sugestões de mudanças didático-pedagógicas (por exemplo, BETTI, 1991; BRACHT, 1997; SOARES et al., 1992; KUNZ, 1994). Tais proposições sugerem a superação do ensino da Educação Física que toma por base a compreensão dos sujeitos como movimentos de “homens-máquinas”, reprodutores de gestos estereotipados, como os do esporte-espetáculo, em direção de um ensino que possibilite a apropriação e recriação crítica e autônoma das diversas manifestações da cultura de movimento. Tais avanços teórico-metodológicos alcançaram de modo tímido as práticas pedagógicas reais no ambiente escolar, o que torna ainda candente na Educação Física o tema da relação entre teoria e prática, a despeito das insistentes afirmações da suposta unidade entre

elas.

Tal diagnóstico indica a necessidade de alargar e aprofundar os estudos didáticos e curriculares no âmbito da Educação Física, investigando práticas pedagógicas concretas nas escolas, de modo a descrever, avaliar e criticar como os professores lidam com as propostas de mudanças no currículo nas aulas de Educação Física, e como, se, e em que direção as inovações têm propiciado melhorias na aprendizagem dos alunos.

No âmbito da Educação Física, tal debate adquire uma dimensão peculiar, já que, ao contrário de muitas outras disciplinas, há pouco consenso sobre quais seriam os conteúdos próprios da Educação Física na escola, e nenhum consenso sobre como eles deveriam organizar-se em um currículo. Kunz (1994, p. 150) já manifestava a necessidade de existência de ao menos um “programa mínimo” de conteúdos e métodos relativos a cada série escolar para que fosse possível acabar com a “bagunça interna” da Educação Física Escolar. Assim, os conteúdos seriam organizados numa hierarquia de complexidade, com objetivos claramente definidos.

É sobre esse pano de fundo que diversos estados e municípios brasileiros têm implementado currículos de Educação Física, na tentativa de sistematização de temas e conteúdos mínimos que devem ser desenvolvidos ao longo dos anos. Conceitualmente, esses currículos possuem uma inspiração nas proposições teórico-metodológicos da Educação Física de caráter inovador, representando uma tentativa de superar as práticas mecanicistas, eugenistas, tecnicistas e tradicionais da área, o que implica variar o repertório de conhecimentos dos alunos sobre manifestações corporais e de movimento, ampliando-os, aprofundando-os e qualificando-os criticamente dentro da “cultura de movimento” que são expressos nos jogos, esportes, ginástica, lutas e atividades rítmicas.

No entanto, quando se fala de Educação Física e currículo, muito tem se preocupado em como o professor lidará com um novo material curricular, o que é relevante, principalmente no entendimento de como o professor confrontará seus saberes com o que o currículo sugere.

Nesse sentido, tem se falado muito dos saberes profissionais docentes, seus modos de atuação, a existência de um conhecimento de base etc., mas pouco se tem evidenciado o aluno como agente no processo de ensino e aprendizagem que também mobiliza, e produz saberes por meio de sua própria relação com o saber. Todavia, precisamos aprofundar e alargar o leque de intenções e possibilidade para sabermos mais e melhor a respeito “do que” e “como” os alunos aprendem. Nesse sentido acredita-se romper com o excesso de perspectivas de viés psicológico

Pensar nos alunos, por meio de suas falas, expressões, gostos e principalmente como estabelecem relações de sentido com o que a escola se propõe a ensiná-los, constitui “uma ruptura epistemológica fundamental”, uma vez que o ponto de partida não é mais o *ensinar*, mas sim o *aprender* (CHARLOT, 2009).

Sendo assim, nossa lente investigativa também buscará entender como os alunos aprendem a partir de suas relações com o saber na Educação Física. Para tal, elegemos como referencial teórico as obras de Bernard Charlot, filósofo e pesquisador educacional, idealizador de um quadro teórico-metodológico em que os conhecimentos apresentados pela escola são compreendidos na relação com os sujeitos aprendentes.

Desenvolvimento da relação com o saber: diálogo com Bernard Charlot

Em contraposição a estudos sociológicos que acusam a coerção social como causa do insucesso do aluno na escola (BOURDIEU, 1994 apud CHARLOT, 2000), Charlot (2000) sugere olhar para uma possível “sociologia do sujeito”. Isto é, prefere considerar as questões subjetivas do indivíduo enquanto ser social dotado de história pessoal nascido em um mundo pré-existente/estruturado, e, sobretudo, submetido à obrigação de aprender para ocupar um lugar no mundo.

Para Charlot (2000, 2009) a relação com o saber apresenta-se em três *figuras de aprender*: por meio do *saber-objeto*, isto é, um conteúdo intelectual como a matemática, gramática, circulação do sangue etc; *dominando um objeto ou uma atividade* como nadar, andar, desmontar um motor etc.; e de *formas relacionais*: seduzir, fazer amizades, cumprimentar, mentir etc.

A especificidade da Educação Física está na segunda figura do aprender, o de dominar um objeto ou uma atividade. Neste caso, trata-se de *dominar* algo, dominar um saber inscrito no corpo[1], diferentemente da primeira figura (saber-objeto), no qual sua apropriação e transmissão se dá pela *posse* de enunciados lingüísticos. Como constataram Schneider e Bueno (2005), alunos têm dificuldades em transformar o que aprenderam na Educação Física em linguagem escrita. Os autores concluíram que quanto mais uma atividade está inserida no corpo, maior será a dificuldade de enunciação lingüístico. Portanto, sugerem que não se “*falem de*”, mas que “*façam com*” (saber de domínio). Sobre isso, Charlot (2009) afirma que o fato da Educação Física lidar com uma outra forma de aprender que não a apropriação de saberes enunciados, gera desvalorização diante das outras disciplinas que tendem a restringir o saber ao enunciado através da linguagem escrita. O autor sugere que não se tente anular ou esconder essa diferença, e sim destacá-la e esclarecê-la, já que, o saber-enunciado, presentes em todas outras disciplinas, é apenas uma das formas de patrimônio humano.

Reconhecendo que Charlot entende o aluno como “cena” da relação do saber, é preciso entender como se dá esse processo de relação com aprender. Para aprender, para ser educado é essencial depender-se de si mesmo, contudo, pelo intermédio/ajuda do outro também. Aceitar ser educado parte de uma vontade, uma ambição própria de aprender. Como afirma Charlot (2000, p.54): “Ninguém poderá educar-me se eu não consentir, de alguma maneira, se eu não colaborar”. O que se quer dizer com isso é que é indispensável a *mobilização* do sujeito: mobilizar-se por um *desejo* intrínseco, pôr-se em movimento, agrupar forças para ser educado. Isso só ocorre se o sujeito atribuir um *sentido* mergulhado em sua singularidade, em sua história, em sua identidade. Por sua vez, ter *sentido* é considerar algo significante, de valor, de *desejo*: “Não há sentido senão do desejo” (BEILLEROT et al., 1966 apud CHARLOT, 2000, p. 57).

Por exemplo, Charlot (2009) apresenta estudos sobre gênero na escola, os quais indicam que o gênero feminino tem maior sucesso escolar comparado com o masculino, mesmo a escola sendo um local a qual se impregna valores (ocultos e implícitos) masculinos. Justifica que esse quadro de desigualdade produz efeitos de *mobilização* nas meninas ao se sentirem provocadas a estudar, ao *desejarem* sobrepor os meninos.

Charlot (2000) recorre à filosofia clássica para caracterizar um sujeito em busca do saber. Expõe que a essência do homem está na Razão, na mente, no entendimento, e este, por vezes, entra em combate com as paixões, emoções e o corpo. Sendo assim, o sujeito do saber, isto é, o sujeito epistêmico, procura por sua própria *ação/mobilização* argumentar, verificar, experimentar, demonstrar, provar e validar um saber. Novamente, Charlot (2000, p. 61) reforça a ação do sujeito como responsável na construção do saber: “Não há saber senão para um sujeito “engajado” em uma certa relação com saber”. Implica ação do sujeito, de sua atividade, de relação com ele mesmo, de relação desse sujeito com os outros e com mundo.

Logo, o saber é resultado de interação sujeito e mundo, só tem sentido e valor por referência às relações que o indivíduo supõe e produz com o mundo; por isso, sem relação do sujeito com o saber não há saber. A relação do sujeito com o saber, “é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. É relação com o mundo como *conjunto de significados*, mas, também, como *espaço de atividades*, e se inscreve *no tempo*(...) a relação com o saber implica uma atividade do sujeito” (CHARLOT, 2000, p.78):

Dessa forma, uma aula interessante é aquela que consiga estabelecer uma relação com o mundo, uma relação consigo mesmo e uma relação com outro, que levam o aluno a se *mobilizar*, dar *sentido* e *desejar* apropriar-se do saber, e, portanto, aprender.

Problema de Pesquisa

Silva (2008) investigou a relação com o saber na matemática. O estudo procura compreender a mobilização e o sentido de estudar a matemática na escola ou fora dela. A autora também propõe que se façam estudos em outras disciplinas: Português, Geografia, Educação Física, por exemplo. Nesse pano de fundo, desenvolveremos algo parecido, mas com a disciplina de Educação Física.

A intenção desse trabalho não é ignorar o modo como o professor propõe o ensino de certo conteúdo de aprendizagem (estratégias, conteúdos específicos, expectativas de aprendizagem etc.) é, em grande medida, determinante das relações que os alunos estabelecem com o saber, a problematização agora proposta diz respeito à perspectiva do aluno. Nesse sentido, inspirados nas idéias de Bernard Charlot, podemos perguntar: quais são os saberes significativos para os alunos Como mobilizar saberes Qual o sentido do aluno estudar (aprender) Educação Física na escola Qual relação com o saber os alunos fazem ao aprender Educação Física Qual o sentido da Educação Física O que tem sentido e significado para eles

Objetivo

O objetivo desta pesquisa[2] é compreender como os alunos se relacionam com a disciplina de Educação Física. Isto é, como este saber está sendo dinamizado pelos alunos, como se *mobilizam*, dão *sentido* e *desejam* enquanto seres dotados de singularidade e portadores de uma história de vida.

Metodologia

Entrevistamos doze alunos do 7º ano de Educação Física de uma escola estadual do município de Bauru-SP, tomando como procedimento metodológico uma abordagem qualitativa na qual fizemos uso de entrevista semi-estruturada.

O roteiro de entrevistas reúne as seguintes questões: você gosta das aulas de Educação Física Por quê; qual a sua opinião sobre as aulas de Educação Física; o que você aprende nas aulas de Educação Física; você acha que as coisas que você aprende na Educação Física são importantes para a sua vida; você sente motivado a participar das aulas de Educação Física Por quê

Para tal, utilizamos, num primeiro momento, registros em voz, posteriormente transcrevemos e registramos as falas dos alunos entrevistados. Para tanto, entende-se por dados qualitativos: descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos observados; citações literais do que as pessoas falam sobre suas experiências, atitudes, crenças e pensamentos;

trechos ou íntegras de documentos, correspondências, atas ou relatórios de casos (PATTON apud ALVES-MAZZOTTI, 1999, p. 132).

Optamos pelo modo de identificação dos alunos de maneira enumerada, de 1 a 12. Além disso, decidimos dar algumas informações sobre os fragmentos ditos pelos alunos, utilizando alguns códigos:

F: para sexo feminino; **M:** para sexo masculino

Por exemplo: **1F** significa: aluna 1, sexo feminino.

Resultados

Gosto pela Educação Física

Todos os alunos entrevistados afirmam gostar das aulas de Educação Física. O principal motivo dessa apreciação é justificada pela aprendizagem e identificação com conteúdos próprios da disciplina em si (alunos: 1F, 2M, 3M, 4M, 7M, 8F, 11M), exclusivamente com estes citados: futebol, voleibol, basquete, esporte, jogo.

No entanto, outro discurso predominante nas justificativas dos alunos (3M, 5M, 9M, 10F, 12M) está associada à aversão de conteúdos e disciplinas que são ensinadas dentro de sala de aula. Esses alunos justificam o gosto pela Educação Física por um critério de exclusão de não consentimento com as aulas oferecidas dentro de sala de aula, via de regra, apresentam espaço físico reduzido, possibilitam poucas oportunidades de experienciar os conteúdos e restringem parte das relações sociais. Nesse sentido, os alunos 10F e 12 ML afirmam gostar das aulas de Educação Física por se desenrolar na quadra ou no pátio, como local de maior liberdade de expressão: (*gosto da Educação Física*) porque eu não fico muito dentro da sala de aula [...] (a sala de aula) é muito fechado, você não pode fazer nada, fica sentado [...] Na Educação Física, a gente se solta (aluna 10F).

Por essa liberdade proporcionada pelo espaço da quadra, o aluno 9M julga que as aulas de Educação Física são mais "interativas" que as outras disciplinas, pois considera que as relações interpessoais pelo movimento induz a necessidade do outro, como analogicamente nos explica: (*Na Educação Física*) você brinca com os outros [...] na Matemática você brinca só, assim você tem que aprender sozinho.

Contudo, essas argumentações em consonância ao ambiente físico e a suposta potencialização das relações sociais presentes nas aulas de Educação Física só ocorrem nas aulas desenvolvidas na quadra, na possibilidade de experimentação por meio de movimentos, na vivência do movimentar-se. As aulas de Educação Física de caráter conceitual e expositivo não despertam as mesmas sensações propostas pelo movimento em si. É neste pano de fundo que os alunos 3M e 5M discursam a favor de uma Educação Física que não fique dentro de sala de aula, pois para eles a disciplina possui algo singular, isto é, a capacidade de experienciar seus conteúdos próprios, da possibilidade de vivenciar em movimentos algo conceitual:

Eu gosto porque eu aprendo sobre vôlei, as regras básicas de vôlei, mas também tem a aula prática que é melhor que a teórica [...] se não você vai falar que ler é melhor que fazer o exercício, senão, não chamaria Educação Física [...] a Educação Física dá para interagir com ela, não precisa ficar presa só no livro. (aluno 3M)

A gente não fica sentado a aula inteira assim, escrevendo no caderno. A gente pratica as coisas, né A gente joga futebol, voley, basquete [...] Ah, e eu acho bem legal, porque daí a gente, não precisa ficar sentado a aula inteira sem fazer nada. E é bem chatinho ficar lá escrevendo no caderno. (aluno 5M)

Não menos importante, apesar de não ser um argumento predominante, os alunos 6F e 7M afirmam gostar da Educação Física em associação a pressupostos eugenistas e mecanicistas, ou seja, esses discursos anexam frases de que o exercício "*faz bem para saúde (7M)*", "*fortalece músculos (6F)*" e que auxilia o desenvolvimento de "*alguns movimentos no corpo (6F)*".

Opinião sobre as aulas de Educação Física

A opinião dos alunos sobre as aulas de Educação Física se fragmentam em aqueles que estão satisfeitos e os que estão insatisfeitos. Os alunos satisfeitos representam 50% dos alunos (1F, 4M, 5M, 7M, 10F, 12 ML), sendo a palavra "legal" a mais preferida para descrever suas satisfações com o modo que a disciplina se desenrola. As justificativas para seus contentamentos são múltiplas e distintas, no entanto, o que se pode adiantar é que elas estão conectadas com o "prazer". A princípio, parece que a Educação Física geram-lhes uma sensação agradável, ligada a uma satisfação de uma vontade, de um desejo. Sendo novamente, apontado pelo aluno 7M, o espaço físico da Educação Física um dos grandes contribuidores para suas satisfações.

Para aluna 10F, as aulas com a atual professora proporcionam maior liberdade, comportando-se com maior "fluidez" e espontaneidade, conforme transcrição: (*Acho*) legais [...] não tem que mudar nada [...] acho que tá bom do jeito que tá, porque assim eu me solto mais, porque ano passado eu tinha uma professora e eu não me soltava muito com ela [...] essa aula é mais, mais livre. Já o aluno 12M

afirma que a aprendizagem dos conteúdos próprios da Educação Física acontecem em um modo divertido: *dá pra gente se divertir muito e aprende alguma coisa né!*

O elemento surpresa nas aulas de Educação Física é citado pelo aluno 5M como fator de satisfação, avalia como uma disciplina que proporciona novas e diferentes experiências: *"Porque a gente pratica coisa mais legal, mais [...] mais atividade diferente. E daí de vez em quando aparece coisa mais diferente, mais legal, que a gente nunca tinha feito."*

Já o aluno 4M reconhece que a Educação Física tem um papel de lazer em sua vida, no entanto, entende que a disciplina adota características que a separam das demais. Sua compreensão reduz a Educação Física a uma disciplina compensatória dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula: *"É bem legal, porque ao invés de só aprender as matérias e tudo, você também aprende o lazer que você tem na vida."*

Enquanto para o restante dos alunos (2M, 3M, 6F, 9M, 11M), mesmo gostando da disciplina, eles não se sentem totalmente satisfeitos com aulas e portanto, sugerem melhorias. O aluno 2M afirma que há *"aulas boas e aulas ruins"*, sendo as aulas de futebol e voleibol as que lhe agradam. Para ele, o que pode ser julgado como *"aula boa"* são os conteúdos que lhe interessam, recusando os demais.

Os alunos 3M e 9M mostram-se incomodados com a indisciplina de seus colegas de turma nas aulas de Educação Física e por esse motivo gostariam que os *"indisciplinados"* ouvissem mais as instruções da professora.

O que nos chama atenção é a insatisfação da aluna 6F que protesta por mais aulas na quadra em detrimento às expositivas, para ela, as aulas denominadas *"práticas"* são insuficientes: *eu acho que a professora podia ir mais na prática porque antes a gentetava sempre na sala, agora que ela "tá" indo na prática.* Nesse sentido, o aluno 11M gostaria de maior aprofundamento nos conteúdos trabalhados, para tanto cita como exemplo o voleibol: *Para saber mais as coisas de vôlei [...] então no próximo semestre vai passar mais vôlei, a continuação [...] tem que aprender mais sobre manchete, essas coisas. Aprender coisa nova.*

O que aprenderam/aprendem nas aulas de Educação Física

Quando indagados sobre *"o que aprendem/aprenderam nas aulas de Educação Física"*, os alunos indicam predominantemente o nome de modalidades esportivas coletivas, sendo o vôlei, futebol e o basquetebol como os mais citados. Ancorado a isso, outro conteúdo destacado pelos alunos é a aprendizagem das regras de jogos. O que pode ter sido desenvolvido tanto no jogo em si como em aulas expositivas, sendo que a palavra *"teoria"* é levantado pelos alunos 3M e 11M, eles afirmam ter aulas em sala de aula como introdução a um novo conteúdo.

Excluindo o nome das modalidades esportivas, o aluno 4M foi o único que afirmou ter aprendido sobre alimentação e sobre alguns termos da Educação Física, como *"agilidade"* e *"capacidades físicas"*.

Importância da Educação Física para a vida

As respostas dos alunos foram separados em quatro encaminhamentos: a Educação Física como preparação do *"ser atleta"*; a Educação Física como saúde; a Educação Física como lazer; e Educação Física enquanto carreira profissional.

O discurso predominante associa a aprendizagem dos conteúdos da Educação Física com formação ou preparação de futuros atletas (alunos: 5M, 6F, 9M, 11M, 12M). Não que os alunos acreditem ou desejem ser atletas, mas que a disciplina representa uma porta inicial caso queiram e se dediquem plenamente à tornar-se atleta, como por exemplo, algumas falas de alunos:

"Se eu quiser ser jogadora de basquete, de vôlei, que eu acho que vai ser muito difícil isso acontecer, eu já vou ter aprendido na escola" (aluna 6F)

"Se eu for jogador de algum esporte, aí eu já vou saber" (aluno 9M).

"Se eu me dedicar no vôlei, praticar no vôlei, no futuro eu posso ser um jogador" (aluno 11M).

Uma segunda vertente relaciona a importância da Educação Física com um olhar eugenista, ou seja, esses alunos (1F, 2M, 7M, 8F) compreendem que os conteúdos aprendidos servem como um método para manterem uma vida saudável: *"Porque é bom para saúde fazer exercícios"* (aluna 1F); *"daí você corre, daí você vai melhor [...] você melhora na saúde, e também você fica mais saudável, fica mais disposto"* (aluno 7M); *"porque é boa para a saúde"* (aluna 8F).

Interessante ressaltar que há uma dificuldade dos alunos justificarem a relação entre Educação Física e saúde, não está claro como o exercício pode melhorar na saúde, seja como prevenção e tratamento de doenças crônicas como melhora no estilo e qualidade de vida. Na fala desses alunos, está claro a existência de uma via automática, sem muito critérios, em associar Educação Física à saúde, tornando-se discursos de senso comum e freqüentemente veiculados pela mídia. Não se trata de negar o poder fisiológico do exercício

físico perante a saúde, mas também é necessário relativizar que podem causar danos nada saudáveis se mal instruídos.

Em terceiro momento, algumas opiniões (alunos: 3M, 4M e 12M) referiram a importância da Educação Física enquanto prática relacionada ao lazer. Em momentos de tempo livre, a prática de exercícios físicos seria uma opção de diversão e entretenimento, sendo assim, os conhecimentos da Educação Física poderiam contribuir com o desenrolar da atividade, deixando-as mais interessantes como ao aprender regras de um determinado esporte ou mesmo a execução de determinados movimentos, como nos explica os alunos 3M, 4M: "*you can play and already know the rules of the game*" (aluno 3M); "*It would be more for leisure, because there are people who only stay locked in the room, sitting at the computer, or only working sitting down, they have no leisure time*" (aluno 4M).

Não menos importante, as entrevistas de alguns alunos (3M, 5M e 6F) identificaram que as aulas da disciplina podem ser importantes para quem deseja ou planeja seguir a profissão de professor de Educação Física. Portanto, o saber-fazer de determinado movimento poderia auxiliar o futuro professor, como nos esclarece os alunos 3M e 6F:

"It's important, because when you go to take a job as a professor of Physical Education, you will already know more or less, you won't enter there knowing nothing" (aluno 3M)

"When I grow up, I can practice myself or be a professor of Physical Education, teach other people" (aluna 6F).

Também há casos de alunos que não sabem justificar a importância de se estudar Educação Física, a aluna 10F reconhece o valor da disciplina, contudo, assume não saber como haverá essa contribuição em sua vida: *for that reason, I think [...] that will help me, I know that* (aluna 10F).

Mobilização pelas aulas de Educação Física

Entre os alunos entrevistados, 66% (alunos: 2M, 3M, 4M, 7M, 8F, 9M, 10F, 11M) sentem-se mobilizados a participar das aulas de Educação Física, 16% (alunos: 5M, 12M) adotam uma postura de neutralidade - ora sentem-se mobilizados, ora não -, enquanto 16% (alunos: 1F, 6F) não ficam mobilizados.

A principal fonte de motivação/mobilização dos alunos (alunos: 4M, 7M, 8F, 10F, 11M) está relacionada aos conteúdos próprios da Educação Física. Isto é, a condição de gostar de esporte, de atividade física, do voleibol, do exercício, etc., já é autossuficiente para justificar a vontade e mobilização pelas aulas de Educação Física, analogicamente, é como dizer que o desejo e a mobilização pelas aulas de matemática são seus conteúdos em si, por exemplo, adição, equação de segundo grau, teorema de pitágoras, etc. Conforme as seguintes falas: *I like playing soccer and volleyball* (aluno 7M); *because I like doing sports [...] it's something that I like and so* (aluna 10F).

Embora menos prevalente que o simples gosto pelos conteúdos próprios da Educação Física, outros fatores também foram elucidados pelas entrevistas. O aluno 2M nos esclarece que se sente sobrecarregado pela quantidade de disciplinas vistas em sala de aula, sendo assim, mostra-se mobilizado pelas aulas de Educação Física por ser justamente diferente das demais, especialmente ao proporcionar um alívio dessa tensão e um momento de distração. Já o aluno 3M comemora a possibilidade de interação com os amigos, isto é, adverte que na sala de aula, o mesmo é restrito.

Último, mas não menos importante, o aluno 9M mobiliza-se nas aulas de Educação Física porque afirma sentir-se melhor após as aulas, e também no sentido de consumir calorias com objetivo de diminuição de massa gorda: *You can do it, a little bit*, *gordinho. After you practice sports, you can get fatter* (aluno 9M).

Menos otimistas, os alunos 5M e 12M adotam uma posição mais central, neste caso, não se sentem mobilizados em todas as aulas. Há alguns momentos que os desestimulam, como é o caso do aluno 5M que se sente incomodado quando se trabalha o conteúdo "futebol" nas aulas, o motivo para essa rejeição é justificado por não ser "*football fan*" e por não "*like running*".

Em contraposição a mobilização, as alunas 1F e 6F sentem desestimuladas em participar das aulas de Educação Física. Para a aluna 1F, a disciplina não está conectada com seu futuro profissional, portanto, não reconhece seu valor. É evidente que suas premissas sobre a vida, a escola e a Educação Física são baseadas no mundo do trabalho, nesse sentido, a aluna afirma que pretende trabalhar na profissão de Oficial de Justiça, por consequência, sonharia a importância da Educação Física substituindo-a por disciplinas enunciáveis linguisticamente como o português, a matemática, por exemplo.

A aluna 6F afirma não sentir mobilizada a participar das aulas de Educação Física, principalmente em esportes coletivos que julga ser do gênero masculino e em atividades que implicitamente exijam certas capacidades físicas como vantagem, por exemplo, o caso de não ser alta suficiente para o basquetebol. Assim como o aluno 5M, alguns conteúdos da Educação Física não os atraem, e portanto não provocam desejo de aprender. Entretanto, o que nos chama atenção é o fato da aluna sentir constrangida em tirar suas dúvidas, resultando em silêncio e simulação de doenças como justificativa de sua ausência participativa: *Sometimes the teacher is explaining*

a regra, eu não entendo e tenho vergonha de perguntar, ai eu prefiro ficar sentada, eu falo que não estou passando bem (aluna 6F).

Indagada sobre sugestões que a mobilize a participar das aulas, a aluna sugere que professora seja mais paciente e que tenha uma melhor leitura dos alunos, sendo mais detalhista e oferecendo mais instruções. Ainda, a aluna nos informa que o professor de Educação Física ao trabalhar determinado conteúdo, parte do pressuposto que os alunos já sabem jogar e, portanto, não oferecem instruções adequadas, pelo contrário, apresentam comandos intuitivos. Isso tudo desfavorece àqueles que nunca ou pouco tiveram contato com certo conteúdo, como explicita a aluna 6F:

"Eu acho que se ela passar, perguntar, perguntasse mais do que (...) eu sei que ela tem o que passar pra gente, tipo a gente já passa certinho pra ela o que tem que passar, mas acho que se ela explicasse, pegasse, tivesse mais tempo de aula de educação física, pra pegar, por exemplo, um aluno que tivesse com bastante dificuldade em vôlei, por exemplo, pra ensinar, pra poder fazer aula junto com a turma, porque a maioria das turmas já sabe jogar vôlei e eu não consigo" (aluna 6F).

Aproveitando de Charlot (1996), trabalho que expôs uma correlação significativa entre “gostar do professor” e “gostar da matéria/disciplina”, é de se notar que a aluna 6F não gosta da sua atual professora, no entanto, não significa que ela não é uma pessoa mobilizada a aprender os conteúdos da Educação Física, mas que não está interessada dado a atual relação social com o saber. Para tanto nos esclarece este caso, lembrando como são as aulas do professor substituto:

"Que nem o professor Astolfo de Educação Física, com ele eu faço qualquer aula, porque ele passa um monte de brincadeira, cada aula é diferente. Agora ela tá só no vôlei, toda aula jogar vôlei, jogar vôlei, o professor Astolfo passava uma aula diferente da outra" (aluna 6F).

Considerações Finais

Por meio dos resultados apresentados, conclui-se que a Educação Física é uma disciplina de grande aceitação pelos alunos. De modo unânime, todos afirmaram gostar dessas aulas, chamando-nos atenção a predominância de alunos que gostam de Educação Física pelos seus conteúdos próprios, sem necessariamente ter uma justificativa clara sobre o "porquê" apreciar esses conteúdos. Portanto, o movimento como elemento central das aulas Educação Física é por si só o motor de conexão com o "prazer", como uma satisfação de uma vontade, de um desejo. Nesse sentido, alguns alunos enfatizam estarem satisfeitos com as aulas de Educação Física, para compensar o cansaço aos conteúdos e disciplinas que lhes são ensinados dentro de sala de aula.

Desse modo, os alunos desejam ter aulas de Educação Física por gosto, por apreciação, pela sensação de liberdade, pelo seu espaço físico e pela possibilidade de experienciar corporalmente determinado elemento da cultura. O que representa um ponto positivo para o professor de Educação Física, ter alunos que desejam aprender, portanto pressupõe, e participação ativa deles.

Entretanto, foi constatado nas entrevistas pouca variabilidade de conteúdo, isto é, a pobreza e a repetição de conteúdos ainda é um problema que ronda a disciplina de Educação Física. Os alunos lembram ter aprendido apenas futebol, basquete e voleibol. Ora, há um consenso iniciado em meados dos anos 1980 que o papel da Educação Física implica em variar o repertório de conhecimentos dos alunos sobre manifestações corporais e de movimento, ampliando-os, aprofundando-os e qualificando-os criticamente dentro da "cultura de movimento" que são expressos nos jogos, esportes, ginástica, lutas e atividades rítmicas. Partindo desse pressuposto, as aulas de Educação Física não podem ser reduzidas a esportes coletivos, mas sim, partes de um rol de elementos da cultura de movimento que potencializem as diferentes possibilidades para aprender.

. Compreender a importância da Educação Física na vida dos alunos nos possibilita descobrir as expectativas que a disciplina carrega, permite-nos entender qual é o sentido das aulas de Educação Física para quem pratica, especificamente tornar explícito o significado de ser um aluno que estuda este conteúdo para seu presente e futuro. Em suma, os alunos julgam a Educação Física importante para a formação de atletas, para melhorar a saúde e como uma atividade de lazer.

Seguindo a lógica do exposto, se a Educação Física possui sentido e desejo na vida dos alunos, é inevitável sua mobilização para alcançar uma meta, neste caso, a participação nas aulas de Educação Física. Conforme os resultados, a maioria dos alunos sentem-se mobilizados em participar das aulas de Educação Física, sendo o gosto pelos conteúdos próprios da Educação Física o principal motor para a mobilização.

Nesse pano de fundo, é importante discutir que o excesso de consentimento, desejo, mobilização e prazer dos alunos pela Educação Física, além de facilitar a vida do professor, também pode fazê-lo ignorar alguns alunos. Ora, uma aula de Educação Física baseada no "rola-bola" de futebol favorece os mais habilidosos e esquece daqueles que pouco tiveram vivência com este esporte.

Obviamente, por os alunos já gostarem dos conteúdos da Educação Física *a priori*, o rola-bola terá adesão e agradará a maioria dos alunos, menos os menos habilidosos, como é o caso da aluna 6F que protesta por melhores instruções, melhor leitura do contexto dos alunos. Não por acaso, muitos professores baseiam-se nos quatro esportes coletivos (basquete, handebol, voleibol e futebol) como

modo de conforto, primeiramente por ter um conhecimento específico e pedagógico prévio sobre aquele conteúdo, como também se espera que o aluno já tenha praticado no bairro, no clube, no futebol de rua, na familiarização com a cesta de basquete, nas mídias.

Esse trabalho foi importante para esclarecer que o aluno possui um excesso de vontade, de gosto, de desejo e de motivação/mobilização pela Educação Física e isso não tem recebido devida atenção à altura por parte dos professores, do sistema escolar, dos currículos de Educação Física, etc. Se isso é um motivo facilitador da profissão docente, por que não aproveitá-la para desenvolver uma real apreciação e apropriação crítica dos elementos da cultura de movimento, para que assim os alunos possam realmente significar, usufruir, opinar, tomar consciência, de acordo com seus desejos, expectativas e intencionalidades

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, J. A.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2^a ed. São Paulo: Pioneira, 1999. Parte II, p. 107-188.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. Da relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa**, 1996, p.47-63.

_____. Ensinar a educação física ou ajudar o aluno a aprender o seu corpo-sujeito In: DANTAS JUNIOR, H. S., KUHN, R., DORENSKI, S. **Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes**. v.3, São Cristóvão: Editora da UFS, 2009, p. 231-246.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994

Schneider, O.; Bueno, J. G. S. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.23-46, jan./abr 2005.

SILVA, V. A. Relação com o saber na aprendizagem matemática: uma contribuição para a reflexão didática sobre as práticas educativas. **Revista Brasileira de Educação**. V.12, n37 jan/abr.2008.

SOARES, C. L et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

[1] Charlot entende o corpo conforme a concepção de Merleau-Ponty: “eu sou meu corpo”

[2] O presente artigo é recorte da minha pesquisa de mestrado em *andamento* sobre a relação dos alunos com o saber das lutas propostos no Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo

[i] Mestrando em Educação: Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UNESP Presidente Prudente. E-mail: marcosrobertoso@gmail.com.

Agência Financiadora: FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo